

O CONCEITO DE GÊNEROS DO DISCURSO E A FILOSOFIA BAKHTINIANA DE LINGUAGEM

Ricardo Santos David

Pós-Doutorado em Educação- Formação de Professores: FCU - Florida Christian University / EUA. Mestrado e Doutorado e Educação. Especialista em docência do ensino superior e linguística. Pesquisador no centro de estudos da linguagem pela Uniatlantico - Espanha.

RESUMO: Trabalhar com o conceito de gêneros do discurso no Brasil, neste momento específico, significa ter de responder a pelo menos uma determinação histórica. Trata-se da importância desse conceito nas discussões atuais sobre o ensino de língua portuguesa, *maxi-dimensionada* pela entrada da noção de gêneros em um documento oficial da esfera educacional (o PCN); essa importância foi conquistada como uma espécie de resposta das esferas educacionais oficiais ao trabalho que vem sendo desenvolvido com a língua e a linguagem, no Brasil, do final do século XX. Esses trabalhos apontaram já em meados da década de 80, para o trabalho linguístico com o texto, tanto nas discussões acadêmicas, quanto na prática de sala de aula.

Palavras-chave: Gêneros do discurso; Filosofia de ensino; Conceito de linguagem; PCN; Adequação.

ABSTRACT: Working with the concept of speech genres in Brazil, at this particular time, it means having to answer at least one historical determination. This is the importance of this concept in current discussions about the Portuguese language teaching, maxi-dimensioned by the entrance of the concept of gender in an official document of the educational sphere (PCN); this importance was conquered as a kind of response of the official educational spheres to the work being developed with the language and the language in Brazil, the late twentieth century. These works have pointed out, already in the mid-80, for language work with the text, both in academic discussions, and practice of the classroom.

Keywords: Speech Genres, Teaching philosophy; Concept; Language; PCN; Adequacy.

INTRODUÇÃO:

A referência não se dá para o trabalho da linguística textual, mas têm em vista todos os esforços empenhados e todas as propostas de mudanças teóricas e práticas disseminadas por João Wanderley Geraldi ^[1] e um grupo de professores a partir de concepções dialógicas de linguagem, portanto, uma concepção de texto também dialógica. Um trabalho que, na verdade, também se constituiu como respostas às necessidades de novas compreensões sobre língua e linguagem presentes no final da modernidade, refletidas no insucesso do modelo estruturalista de ensino de língua, principalmente sentido no campo educacional.

De modo que a entrada do conceito de gêneros no discurso oficial aparece também como resposta, nesse caso, a essa nova proposta de trabalho pedagógico, que encara a linguagem como atividade e se dando na interação, uma proposta dialógica de linguagem. Pode parecer contraditório que o conceito de gêneros proposto pelo PCN se contraponha à concepção dialógica de linguagem, mas tentaremos brevemente explicar tal compreensão dessa determinação histórica e, posteriormente, procuraremos descrever aquilo que para nós é mais uma proposta de compreensão do conceito de gêneros, a partir de leituras das obras do Círculo de Bakhtin, do que precisamente a explicação do conceito de gêneros para Bakhtin. A compreensão de que o conceito de gêneros trabalhado atualmente no Brasil a partir do PCN possui contradição com a concepção dialógica de linguagem de Bakhtin pode começar a ser explicitada pela própria base de compreensão do signo **gênero**. O reflexo das significações históricas da palavra **gênero** encontrado no dicionário Houaiss revela uma base homogeneizadora:

GÊNERO: genérico (contrário de específico) –

“1 conjunto de espécies com a mesma ORIGEM ou as mesmas particularidades 2 tipo, classe; estilo 3 classe de estilo, técnica ou natureza artística ou literária 4 em gramática, categoria que classifica as palavras em masculino, feminino e neutro 5 BIO na classificação de seres vivos, subdivisão da família, categoria que agrupa espécies relacionadas segundo a história da evolução e distinguíveis das outras das outras por diferenças marcantes (...)”
(Houaiss)

A característica de **generalização** presente na definição – a mesma que tem fundamentado o trabalho com a noção de gêneros do discurso na escola – não possibilita o trabalho com a singularização. Trata-se de um movimento unidirecional que tende a equalizar

as diferenças, encaixotar a diversidade, trabalhar apenas com os processos de estabilizações. [2] O trabalho apenas com a homogeneização proporciona a escorregada do conceito de **gêneros do discurso** para o de **tipo textual**, o que nos leva ao ponto em que as principais considerações bakhtinianas são descartadas. O texto como ente (objeto abstrato) deixa de fora os sujeitos que, organizados socialmente, fazem do texto[3] um acontecimento da vida. Todo texto participa de uma relação humana, de uma atividade humana. Essa é a proposta bakhtiniana: “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua”. Dessa forma não adianta encarar o texto descolado de seu contexto e dos sujeitos inter-agentes. Perde-se com isso o texto. Não se consegue dessa forma compreender os sentidos presentes naquela dada interação.

Se o “o método marxista não pode avançar sem uma discussão sobre a filosofia da linguagem”, essa perspectiva fundamentará, em Bakhtin, a proposta de discutir a filosofia da linguagem a partir de uma relação mais estreita com o marxismo; tal ponto de vista o levará a afirmar logo de início que “sem signos não existe ideologia”. Com isso Bakhtin antepõe à ideologia a linguagem (Bakhtin, *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 37 e p. 38).

Ao desenvolver essa proposta de estudos da linguagem, Bakhtin e seu Círculo estavam preocupados com a questão da linguagem como constituidora do mundo e do próprio homem, em relação com outro homem. Para compreender essa difícil relação do homem com o mundo, era preciso entender a relação da linguagem com a vida; e a relação da linguagem com a infraestrutura e com a superestrutura; e também compreender a relação da linguagem com as determinações das superestruturas ideológicas (ciência, religião, política, arte, etc.) e as *atitudes responsivas* dos sujeitos que vivem baseados na infraestrutura, nas atividades econômicas da base social. Para começar a propor esse diálogo, Bakhtin trabalha construindo a perspectiva de se trabalhar com a filosofia da linguagem como sendo uma filosofia do signo. Essa mudança de foco é fundamental. Era um dos caminhos possíveis de fazer com que o real do mundo, o concreto da existência pudesse se constituir como material ideológico, como horizonte histórico das relações sociais havidas, como lugar dos embates de visão e de pontos de vista dos sujeitos e dos grupos organizados em relação.

O signo, na sua constituição, exige uma dupla materialidade e um ponto de vista. É objeto físico e é também objeto social, portador das memórias de todas as relações dadas nele.

É material e também terreno interindividual. A foice e o martelo poderiam ser ferramentas de opressão, mas podem significar uma bandeira de libertação; o pão mata a fome, mas o pão da vó mata mais que a fome. “Compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos”. Só se compreende a combinação material que dá origem ao pão como signo se a colocarmos para dialogar com outra combinação: casa da vó. Nesse momento, quando pronunciamos a palavra “pão” e o atrelamos a “casa da vó”, a compreensão possibilita inclusive que sintamos o cheiro do pão caseiro das tardes de domingo da casa da vó. E então o pão nos traz lembranças e vivências variadas, diversas, complexas. O ponto de vista, o locus preciso de onde o sujeito vê e se relaciona com o mundo e interage com outro sujeito é fundamental nessa constituição do mundo em signo. Isso amplia a vida; isso amplia a palavra; isso amplia o mundo. É a reflexão e a refração. É o estar ai, mas também é ir além daí; é não estar apenas ai; é viver o presente preenchendo-o com memórias variadas, tanto do que já vivemos quanto do que tencionamos ainda viver. Nossos sabores e nossos sonhos se emparelham, e revelam sempre as novidades no agora. Que vêm pelos contatos físicos, pelas fricções sígnicas, pelas interações sociais entre os sujeitos, que garantem as compreensões que podemos produzir.

“A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (Bakhtin, *Marxismo e filosofia da Linguagem*, 1992, p.36).

Lugar comum no tratamento das ideias de Bakhtin, mas esquecido no trabalho que se vem desenvolvendo no ambiente escolar com os trabalhos sobre gêneros do discurso. Não dá pra higienizar essa perspectiva com o trabalho com a linguagem. Não dá pra deixar a vida de lado. Se isso acontecer, perdemos a possibilidade de pensar em “gêneros do discurso”, porque não teremos mais a linguagem funcionando como “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (Bakhtin, *Os gêneros do discurso*, 2003, p.268). Não é porque estamos na escola que vamos inventar um trabalho com a linguagem que dispense não refletir “de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social” (idem, p.268). A escola das nuvens, lugar de formação de um não lugar, tem que ser destruída, e ceder lugar a uma escola onde cabe a vida. Na verdade, é precisamente por isso que Bakhtin irá propor um enfoque diferente de trabalho com os gêneros do discurso, um trabalho

que aprofunde o estudo da palavra como fenômeno ideológico por excelência. Também por isso, Bakhtin, ao propor o trabalho com a palavra, está propondo não se trabalhar com ela como uma unidade abstrata. Sem vida; sem estar ligada a atividades humanas. E a vida está sempre em movimento, se instabiliza, pode ser olhada de ângulos diferentes, se renova constantemente, apresenta sentidos atualizados. Assim também a linguagem vive esse jogo de ser a mesma e ser diferente ao mesmo tempo; ela joga com as forças centrífugas e com as forças centrípetas; vida e língua se constituem nos acontecimentos. Ao tratar de tema e significação, por exemplo, Bakhtin se fundamenta tanto na relativa instabilidade como na relativa estabilidade:

“Para dar conta deste movimento entre estabilizações e instabilidades, Bakhtin (1929/1981) opõe dois conceitos: aquele de significação e aquele de tema. Se considerarmos que uma língua é um conjunto instável de recursos linguísticos com que construímos representações com “acentos apreciativos” (portanto nunca neutros), cada um destes recursos traz em si “os murmúrios da sua própria história” condensados como suas significações que se apresentam em cada uma de suas reiteraões. E nestas reiteraões, estes mesmos recursos se desvestem de suas significações para se revestirem com as vestes que lhe traz o tema específico do discurso”.^[4]

Propomos, portanto, que os trabalhos de compreensão que se fazem com o conceito de gêneros do discurso estejam imprescindivelmente vinculados ao movimento com uma percepção global da arquitetura bakhtiniana, em que:

1) Desenvolva a compreensão sobre a totalidade-estabilidade:

A relativa estabilidade de um gênero estaria relacionada a sua historicidade passada (memória do passado). “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos [...]” são o retrato dos usos já feitos anteriormente, em várias atividades humanas, e são a memória e o acúmulo da história de suas utilizaões; assim os enunciados vão se constituindo em tipos e formas mais consistentes para uso em esferas específicas, com estilos específicos, tratando de temas específicos, se compondo com formas específicas. Daí a discussão da relativa estabilidade para esses tipos e formas de enunciados: a repetição de uso daqueles enunciados naquela situação precisa, naquela atividade humana precisa, naquele jogo interativo preciso, vai estabilizando determinados tipos de enunciados que são os que chamamos de “gêneros do discurso”. Esses enunciados, relativamente estáveis, também se constituem como lugar de emergência dos sentidos históricos das comunicações havidas em determinados contextos e

com determinadas significações, e mantém vivas aquelas significações já socialmente consolidadas.

2) Desenvolva a compreensão sobre a singularidade-instabilidade:

A possibilidade de os gêneros irem se atualizando, se modificando, está relacionada ao trabalho desenvolvido pelo sujeito ocupado com um projeto de dizer, junção de seu passado e de seu futuro, frente a uma alteridade viva e atuante, seu interlocutor. O trabalho responsivo do sujeito instabiliza o gênero a cada vez que determinado enunciado é empregado em determinada atividade humana. Esse movimento não nega a historicidade do sentido, nem o tipo e a forma já relativamente estabilizada, mas a movimentação para novas possibilidades, instaurando novas formas e novos tipos de enunciados, relacionando com tipos e formas que são usualmente empregados em outras atividades humanas; esse movimento relaciona gêneros, joga um dentro de outro, obriga enunciados a frequentar novas atividades e significá-las, e ao mesmo tempo, renova o gênero dentro do qual se enuncia. Esse trabalho dialógico, responsivo, centrado na alteridade, está sempre prenhe de perspectivas, e busca por completudes de sentidos, de identidades, de relações sociais, sempre inconclusas. Esse trabalho responsivo instaura a renovação do gênero, veste novos temas sobre significações históricas dos enunciados e das palavras, faz com que o estilo do gênero se conflite com o estilo individual e vice-versa, reconfigura sua composição formal.

Vale a pena aqui fazer um leve aceno para o jogo que Bakhtin clareia ao posicionar os gêneros discursivos como primários e secundários. Os gêneros primários ele chama de simples, e os secundários ele chama de complexos. Simples porque “se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata”, e complexos porque “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente mais desenvolvido e organizado”; e se estabelecem como relacionais entre si, numa troca infinita de sentidos e renovando continuamente os gêneros. E conseguimos nos comunicar porque dominamos os gêneros empregados naquela atividade. E quanto mais os dominamos, mais livres nos sentimos no seu uso – um uso que é também renovação pelos diálogos com outros gêneros – e nas construções de sentidos possíveis que nosso projeto de dizer possibilita no jogo com o outro que também se comunica comigo.

Compreender gêneros do discurso a partir das leituras das obras do Círculo de Bakhtin é compreender o texto como parte fundante das atividades humanas dos sujeitos. Essa

compreensão revela um sujeito produtor de linguagem, de enunciados e de discursos; e também nos mostra que o texto é fundamental não somente para os estudos da língua, mas para a própria reconstrução da compreensão do homem e das Ciências Humanas.

REFERÊNCIAS:

- [1] *O Texto na sala de aula e Portos de Passagem* são obras que revelam esse trabalho.
- [2] Desse modo até a conotação de **panaceia universal** que algumas vezes tomou o conceito de gêneros nesse momento de hegemonia torna-se mais interessante, ao mesmo tempo em que contraditória.
- [3] Bakhtin, *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, em *Estética da Criação Verbal*, 2006.
- [4] Geraldí, *A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética*, Em *Ciências Humanas e Pesquisa. Leituras de Mikhail Bakhtin*, Freitas, M. T.; Jobim e Souza, S; Kramer, S. 2003.
- COVRE, André Luiz. MIOTELLO, Valdemir. (*Grupo de Estudo dos Gêneros do Discurso*)
Universidade federal de São Carlos.